

**LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM  
SAÚDE ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

**|Carlos Alessandro Siebra Bouças**

**O funk proibidão e sua identificação com o território**

**Rio de Janeiro**

**2011**

## **O funk proibidão e sua identificação com o território**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador (a): Paulo Henrique Barbosa de Andrade

**Rio de Janeiro**

**2011**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha namorada Mayara que passou horas e horas ao meu lado, enquanto eu lia. Noites e noites acordada comigo, na internet, enquanto eu escrevia, e sempre me lembrava que eu tinha que terminar minha monografia, me dando todo apoio de que eu precisava.

À minha mãe com suas críticas construtivas, apontando os inúmeros erros de português, e que me fez estudar na Escola Politécnica, mesmo, inicialmente, contra a minha vontade.

Aos meus amigos de sala, principalmente àqueles com quem dividi livros e conhecimentos sobre o tema, e também àqueles que, como eu, estavam sobrecarregados com os estudos.

Ao professor Flávio que me orientou durante a parte inicial do trabalho até a aprovação do projeto e que, mesmo depois de não ser mais meu orientador oficial, continuou me dando apoio com material e conselhos sobre como realizar o trabalho.

Ao professor Paulo Henrique que na reta final do ano escolar me aceitou como orientando e me ajudou a finalizar este trabalho.

À minha família que se não fosse por eles eu não seria a pessoa que eu sou hoje.

À professora Gladys por me ajudar com o processo de apresentação do trabalho.

E finalmente, a todos que participaram de mais essa etapa da minha vida.

## **RESUMO**

O funk proibidão é um subgênero do ritmo do funk, produzido principalmente por moradores das comunidades carentes do Rio de Janeiro. Este trabalho analisa a origem desse subgênero e demonstra que o funk como movimento social, cuja oportunidade de cantar sobre a realidade das favelas resulta na exposição da visão do morador sobre a mesma. Esse fato é consequente do alinhamento da identidade individual do morador com a identidade territorial que, nesse caso, está sujeita: à violência do dia-a-dia nas comunidades carentes, ao poder dos traficantes, à repressão da polícia e à exclusão e invisibilidade social a que estão sujeitos os moradores dessas localidades. Assim, o presente trabalho a maneira como as letras do funk proibidão são a demonstração da identificação dos moradores com os grupos de narcotraficantes.

**Palavras-chave:** funk, proibidão, identidade, favela, território

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2. O FUNK PROIBIDÃO E SUAS RAÍZES .....</b>	<b>07</b>
<b>2.1 Origem do funk carioca.....</b>	<b>07</b>
<b>2.2 A nacionalização do funk.....</b>	<b>09</b>
<b>2.3 Funk proibidão, apologia ou pura realidade?.....</b>	<b>10</b>
<b>3. IDENTIDADE TERRITORIAL.....</b>	<b>12</b>
<b>4. FAVELA E O DOMÍNIO DO NARCOTRÁFICO.....</b>	<b>14</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>17</b>
<b>ANEXO I - Realidade – Mc Menor do Chapa.....</b>	<b>18</b>
<b>ANEXO II - Conexão Criminosa – Mc Menor do Chapa.....</b>	<b>20</b>

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu da idéia de comparar as letras do funk proibidão com as poesias épicas gregas.

Porém, em razão do tempo disponível para a elaboração da pesquisa, esta perspectiva teve que ser diminuída, focando apenas nas letras do funk proibidão e na sua relação com o território, no caso o das favelas.

O objetivo do presente estudo foi analisar como os atores envolvidos nessa vertente do funk se identificavam com as letras e qual o significado delas, tanto para quem as produz quanto para quem as ouve. Já que, nesse caso em particular, os produtores também são ouvintes.

Com base no estudo da chegada do ritmo do funk ao Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro, procurou-se verificar quais acontecimentos marcantes do estilo musical, somados às condições de vida existente nos dias atuais, e construídas historicamente nas favelas da cidade, criaram um cenário propício ao surgimento desse subgênero do funk, que canta sobre a realidade das favelas e sobre o poder das facções criminosas.

Tendo como referencial teórico a identidade individual que pode ser construída a partir de um território de vivência em comum, buscou-se entender como que essas letras podem ser a expressão de uma identidade coletiva dos moradores da favela.

Esse trabalho se deteve na análise das letras relacionadas a uma única facção, isso se deu tanto devido ao fácil acesso a essas letras, quanto a facção escolhida ser a mais conhecida. O comando vermelho, é uma organização criminosa que se estrutura no narcotráfico e em assaltos. Sendo esta a mais antiga na cidade e que conta com uma vasta biblioteca de músicas de funk proibidão, as quais são facilmente encontradas na internet e em vendedores ambulantes espalhados pelas ruas da cidade.

As letras desse ritmo classificam-se entre o mero relato da realidade e a apologia ao crime. Isso ocorre em função da subjetividade da interpretação delas, pois enquanto para quem convive diariamente com a violência descrita nas músicas e que as enxergam como uma forma de mostrar para o restante da sociedade o que e quanto eles sofrem continuamente, para quem não vive e desconhece essa realidade é apenas uma exaltação das ações e do poder dos grupos de criminosos.

## 2. O FUNK PROIBIDÃO E SUAS RAÍZES

### 2.1 Origem do funk carioca

O movimento musical do funk teve sua origem atrelada a ritmos importados dos Estados Unidos, tais como o “*soul*”, o “*blues*” e o “*rhythm’n’blues*”, principalmente. Esses ritmos chegaram até o Brasil na década de 1970 e foram mesclados com os ritmos que já existiam no país.

Porém, tanto a música que desembarcava no território brasileiro quanto a que aqui já existia, tiveram suas origens na cultura africana, presente em ambas as sociedades, devido à ocorrência do processo de escravização presente no passado de ambos os locais.

Os responsáveis pela inserção desse ritmo musical na cidade carioca foram: o discotecário Ademir Lemos e o locutor de rádio Big Boy, que organizavam os agora extintos Bailes da Pesada aos domingos no Canecão, casa de espetáculo situada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Com o objetivo de intelectualizar o palco do Canecão, os bailes cederam o espaço para a dita Música Popular Brasileira, MPB, e foram deslocados para os clubes existentes nos subúrbios da cidade, e que arrastou a multidão de dançarinos que frequentavam os eventos na então casa de espetáculo.

Nesse novo cenário do funk, ele não possuía mais um palco fixo, estava em constante movimento indo de clube em clube, bairro em bairro. Porém, mesmo com essa rotatividade nos palcos, os Bailes da pesada continuava reunindo seguidores fiéis de todos os cantos da cidade, podendo, em uma noite, reunir cerca de cinco mil dançarinos (MARTINS, 2006).

O aumento, tanto do número de bailes e da frequência com que estes aconteciam, despertou o interesse de muitos que começaram a investir em aparelhagem e criando assim suas próprias equipes de som. Fato o qual resultou em uma maior divulgação desse novo gênero musical. As inúmeras equipes de som se apresentavam-se nos clubes do subúrbio carioca, fazendo bailes diários e seguidos cada uma pelo seu público fiel. Algumas equipes tentaram inserir nos bailes um movimento de conscientização e luta pela cultura negra, em especial a “*Soul Grand Pix*”. Com essa inserção da militância negra em alguns bailes, o funk, na visão de alguns, deixou de ser apenas diversão para ser uma ferramenta da superação do racismo e da alienação.

“A atenção da imprensa voltou-se pela primeira vez para o funk em 1975, alcunhando o fenômeno dos bailes de subúrbio, até então despercebido do grande público, como movimento. “Black Rio”. Entrementes, uma ou outra equipe de som, notadamente a Soul Gran Prix, experimentou introduzir a militância negra em seus bailes como forma de conscientização da cultura negra pela juventude, que constituía a maioria dos frequentadores, chegando a despertar a atenção da polícia política da ditadura militar, o DOPS. De toda sorte, despertou-se algum debate sério em torno do tema, sob o enfoque da suposta alienação ou colonialismo cultural. O funk deixava de ser diversão para, na visão dos engajados, se tornar um instrumento na superação do racismo e aculturação” (MARTINS, 2006, pág. 19.).

Houve uma tentativa de inserir no mercado fonográfico que estava se formando ao redor do funk alguns nomes nacionais, como o caso do falecido cantor Tim Maia, porém essa empreitada obteve pouco êxito, em função a febre dos ritmos “disco” que invadia a cidade. Foi quando a Zona Sul carioca só ouvia o recém surgido “rock” nacional e enquanto a Zona Norte só queria saber de estar nas discotecas. Isto acabou fazendo com que nesse período o funk obtivesse uma baixa popularidade.

A reinserção do “*funk*” deu-se de forma muito gradual, e com a ajuda dos grandes sucessos que estavam tocando nas rádios em programas regidos pelas equipes que se formaram do funk. Nesse período, o que se ouvia era o “*funk melody*” mais conhecido como charme, um estilo sem o peso do “*funk*” comum e mais melodioso. O retorno do “*funk*” trouxe algumas novidades como a dança em grupos e uma nova forma de se vestir que distinguia em muito da anterior difundida pelo movimento negro. Era adotado então um estilo mais “*surf wear*” fazendo uma imitação da juventude da Zona Sul, em especial dos surfistas.

O “*funk*” carioca hoje como é conhecido se aproxima mais do “*miami mass*”, um estilo musical que tem como base o ritmo e a bateria eletrônica e os “*samples*” de músicas do “*soul*”, que no linguajar carioca é chamando de batidão. A partir desse ponto percebe-se uma diferença entre o “*funk*” que tocava na década de 70 e o de hoje, o primeiro carregado de militância negra e com ritmo próximo ao do “*soul*” enquanto o segundo, o mais moderno, não apresenta nenhuma luta ideológica, apenas a diversão, a relação homem e mulher e tem o ritmo do charme. Essa realidade criou um cenário favorável à nacionalização do funk.

“Desse modo, o funk tal como ouvimos hoje é bem diferente daquele que animou a primeira geração de fãs na década de 70, tanto em ritmo, quanto em posicionamento ideológico, tendo em vista que a primeira geração era engajada no conceito de negritude e com o ritmo mais parecido com a soul music norte-americana. A geração que se afirmou a partir do fim dos anos 80 nos parece mais “descolada”, apresenta valores ideológicos mais dispersos, quase sempre ligados a posicionamentos da relação entre mulher e homem, com letras que falam de dançar, pular, transar, zoar, além de o ritmo estar mais para o charme, a discoteque e outros subgêneros também derivados da soul music. Tais condições se fazer favoráveis para uma produção de um funk nacional”(GUEDES, 2007, pág. 44).

## 2.2 A nacionalização do funk

Desde a chegada do “*funk*” até quase o final da década de 80 o funk quer era ouvido na cidade do Rio de Janeiro era importado, com letras em sua grande maioria em inglês. Entretanto, esse fato estava preste a mudar quando o DJ Malboro, um dos grandes responsáveis pela nacionalização do “*funk*”, que segundo ESSINGER, inquieto com o fato de enquanto um baile “*funk*” com 10 mil pessoas não conseguir chamar atenção, em contrapartida, uma festa na Zona Sul era veiculada no jornal, na televisão e na rádio. Com isso ele chegou à conclusão de que:

“Eu dizia para o Hermano [Vianna, Antropólogo]: o funk só vai conseguir quebrar essa barreira do subúrbio quando ele se nacionalizar, tiver ídolos para poder estourar no Brasil inteiro” (ESSINGER 2005, pág. 84).

Foi então que o DJ Malboro deu início ao seu projeto de nacionalizar o “*funk*”. A primeira música a ser escrita em português foi o sucesso “Melô da mulher feira” feita em parceria com o rapper Abdulah em cima da música “*Do Wah Diddy*” do grupo americano 2 Live Crew. O Dj seguiu reunindo outras músicas de “*funk*” em português, entre elas vale destacar o “Rap das Aranhas” do MC Cidinho Cambalhota e o “Rap do arrastão” do Ademir Lemos, entre outras. O Dj Malboro produziu então o disco “Funk Brasil nº1”, o primeiro com letras exclusivamente em português (ESSINGER, 2005).

Além de lançar o Funk Brasil nº1, o Dj Malboro contribuiu para a nacionalização do “*funk*” dando espaço nos bailes para quem quisesse improvisar em cima das músicas. Com isso, começaram a surgir diversos MC’s que emplacavam com um grande sucesso do dia para noite, porém não passavam de um momento repentino de fama. A partir de então o que não faltou foram nomes de MC’s que surgiam com grandes sucessos. Vale salientar que a grande maioria desses nomes eram de pessoas oriundas de comunidades carentes e em sua maioria negras, o que se atribui a estes serem os que mais se identificavam com o “*funk*” (GUEDES, 2007).

O “*funk*” agora passava por um novo momento, com letras em português, artistas e ídolos locais. Surgia então um meio de retratar a realidade dura e sofrida dentro das comunidades carentes, das favelas, dos morros. Emerge então o funk conhecido como proibidão.

## 2.3 Funk proibidão, apologia ou pura realidade?

Músicas com letras retratando o cotidiano, as histórias de incursões policiais e de conflitos armados dentro das comunidades carentes do Rio de Janeiro, cantadas de forma entusiástica e para alguns até fazendo apologia aos grupos de criminosos, em grande maioria aos grupos de narcotraficantes, é o que se denominou-se de “*funk*” proibidão.

[...] “do proibidão. Foi o nome dado aos funks que contam, de forma realista e por vezes até entusiástica (ou mesmo apologética), historias em que os traficantes impuseram seu poder contra os oponentes (a policia ou as facções criminosas rivais) e fizeram valer a sua lei.”(ESSINGER, 2005)

O “*funk*” proibidão surgiu do contexto de violência existente nas favelas, onde a lei que vigora é a estabelecida pelos criminosos, fruto do abandono do Estado para com essas áreas, que as colocaram à disposição de qualquer um que conseguisse estabelecer poder, seja através do medo, da força ou do dinheiro. Esse subgênero do funk chamou a atenção da policia por causa da sua “*performance*” dita de apologia ao crime e ao trafico e resultou em diversas acusações contra alguns MC’s de suposto envolvimento com o tráfico de drogas. No entanto, os cantores defendiam-se ao alegarem que o funk seria uma música popular, da favela, e por esse motivo cantava a realidade da mesma (GUEDES, 2007).

“A partir da década de 70, o território das favelas foi ocupado por grupos de narcotraficantes que passaram a controlar a vida dos moradores com o uso da força, da violência e a imposição do medo. Em alguns casos, esses grupos armados desenvolveram, nas lacunas deixadas pelo poder público, políticas assistencialistas, que são também outra forma de controle sobre os favelados” (GUEDES, 2007, pág. 73).

Os primeiros “*funks*” proibidões que ficaram conhecidos e alcançaram a atenção da mídia e do restante da população carioca, foram os conhecidos como “Rap das Armas” músicas com letras que enumeravam diversos tipos de armas que podiam ser encontradas na mão dos bandidos e que cada comunidade possuía sua própria, quase idêntica, versão da música (GUEDES, 2007). Essas músicas possuem letras em que a interpretação de cada ouvinte e ou leitor variava de acordo com a sua experiência e o seu contexto. O Dj Malboro fez o seguinte apontamento acerca do “*funk*” proibidão:

“O funk é a trilha sonora de tudo que acontece no Rio – de bom ou de mau [...] Ele fala do traficante com a visão de quem está na favela, que vê o cara como um herói, o cara que não entra no barraco dele dando tiro, não mete o pé na porta da casa dele, não mata o amigo de infância dele. O cara está ali como benfeitor da sociedade” (ESSINGER, 2005, pág.238).

Pode-se falar que existem dois tipos de “*funks*” proibidões: primeiro o que fala da realidade da favela relatando todos os acontecimentos e o outro, que faz clara e evidente apologia ao crime - o que se percebe quando são identificadas nas letras diversas menções às facções criminosas e às suas tentativas de impor medo aos seus respectivos inimigos. No entanto, não é fácil distinguir os artistas do mesmo jeito que as letras, pois o mesmo artista muitas das vezes produz diversos tipos e gêneros de “*funk*”, o que pode ser visto nos exemplos abaixo em refrões de duas músicas diferentes compostas por um mesmo MC, conhecido como Menor do Chapa, nascido e criado no Morro do Turano.

De fome, miséria, morte medo, tem que ter atitude pra viver aqui no gueto  
Criançada sem educação não tem saúde, sem dinheiro e moradia propria  
Muita gente se ilude  
Os sonhos de consumo é verdadeiro,  
Motivo aqui ninguém se importa com instinto coletivo  
Realidade triste, desemprego exclusão, em nome do dinheiro irmão mata irmão  
O crime ta ai pode ser uma saída, escolha seu caminho tenha amor a sua vida  
Aqui é o submundo, frio, louco, sem graça,  
Tipo aquele moleque cheirando cola lá na praça  
O barraco de madeira não resisti a forte chuva  
O bebê chorou a mãe na amargura  
Convive com uma injustiça, hipocrisia  
Nós somos vitimas desta guerra urbana, sem ideologia  
[N°1]

Sem neurose, sem caô, muita fé no coração  
Bonde da providência contenção de rajadão.  
Não adianta tentar, se brotar vai se fuder,  
Conexão criminosa é CV e PCC  
Esse é o papo reto só cria braço nervoso  
Quadrilha de guerrilheiro chapa quente, quartel  
criminoso  
Tenta 3 cú brotou no Turano tomá de vapô  
Mas na vida do crime o menor boladão fumando maconha  
de G3 na mão  
[N°2]

No primeiro trecho exposto pode ser observada uma descrição crítica da realidade da favela, enquanto no segundo o cantor exalta o poder da facção que domina a comunidade enunciada no próprio trecho. Como mencionado anteriormente, existem dois tipos de proibidão, um com características de uma crônica da realidade das favelas e o outro fazendo apologia às facções que dominam cada favela. Porém, em uma mesma letra é possível encontrar ambas as características, o que torna assim a definição quanto aos aspectos de ser um relato ou uma apologia muito subjetivo.

### **3. IDENTIDADE TERRITORIAL**

Para se falar de uma identidade que tem como origem e/ou base um território é necessário primeiramente definir o que se entende como território. Podem ser encontrados diversos conceitos do mesmo, mas, dentre essas diferentes conceituações, a que será abordada neste estudo é uma concepção que possa articular esse conceito ao de identidade.

Assim, nesta abordagem, o que se define como território é um espaço apropriado por um grupo de pessoas, que venham a estabelecer neste lugar suas respectivas moradias. Esse acontecimento resulta com que este território-lugar deixe de ser apenas um lugar físico para se tornar um espaço onde existirão relações sociais entre seus ocupantes, os quais exercerão um domínio sobre o mesmo, através da apropriação e da intervenção cultural nele, caracterizando-o como território.

Todo grupo social precisa apropriar-se de uma porção do espaço, para nele viver. Em termos biológicos, o território é a área na qual as espécies animais e vegetais **se desenvolvem**. Em geografia, o território representa o espaço concreto dominado e apropriado por uma sociedade ou por um Estado (COELHO e TERRA, 2003).

O território, então, é reflexo das relações sociais e das relações de poder existentes em um espaço. Com isso, entende-se que a população nele existente exerce um poder sobre ele, pois esta é quem define as especificidades do lugar. Portanto, a identidade do território emana da identidade dos seus respectivos habitantes.

Por ser uma forma de apropriação do espaço, o território é resultado de uma criação humana, **um produto do trabalho social**. Isso significa que o **espaço se transforma em território** por meio da ação coletiva e política e **pelo exercício do poder** (COELHO e TERRA, 2003).

Esse processo de identificação das características de um território pelas dos seus ocupantes não é uma via de mão única, já que os moradores atuam na construção dos predicados deste, mas ao mesmo tempo, este também atua na construção da identidade dos moradores. Este fato é uma ação que tem fluxo contínuo, visto que, a partir de mudanças coletivas na população acarretará em alterações no território e vice-versa, existindo então uma dinâmica de caracterização de um em relação ao outro.

O conceito de território então está vinculado a uma totalidade que inclui o conceito de identidade, a qual é construída pelo e para o próprio território. Assim pode-se chamar essa identidade de um sentimento de pertencimento que é construído na relação entre os moradores e com outros territórios. A identidade pode ser construída a partir de uma perspectiva socioeconômica, cultural, política e religiosa ou construída a partir das interações destas varias dimensões.

No caso das comunidades ou favelas, existe uma identidade que é construída e reconstruída internamente, mas os chamados moradores “do asfalto” identificam os moradores de uma comunidade a partir das percepções que são construídas em várias dimensões, e que em sua grande maioria são impostas pela mídia, que por meio destas demonizam o pobre e tudo o que este produza.

Assim, a partir destes apontamentos, um indivíduo morador de certa localidade estará sujeito a ter a sua identidade dada pelas respectivas características de cada local. Isso quer dizer, que a identidade deste será “moldada” em consonância ao território onde este reside.

#### 4. FAVELA E O DOMINIO DO NARCOTRÁFICO

Neste trabalho os territórios que serviram de base para o estudo são as favelas da cidade do Rio de Janeiro. Estas fazem parte do cenário da cidade desde o final do século XIX, com o início da ocupação do Morro da Providência, por soldados que voltaram da Guerra de Canudos e, posteriormente, pela população que havia sido expulsa dos cortiços no centro da cidade após a reforma urbanística do prefeito Pereira Passos (OLIVEIRA, 2011).

Desde o surgimento da primeira favela até os dias atuais, esse tipo de ocupação multiplicou-se por toda a cidade. Conta-se hoje cerca de mil favelas em toda a área do município carioca. Que, em sua grande maioria, são áreas ocupadas pela população pobre e majoritariamente negra, conseqüente dos fatores históricos da formação do Brasil, uma estrutura social excludente, valor da terra agregado que é diferenciado, o que dificulta o acesso a terra pela população pobre da cidade.

Essas áreas são demasiadamente carentes quanto à infraestrutura urbana, não possuindo saneamento básico satisfatório e/ou suficiente, energia, pavimentação, serviços em geral e segurança pública. A ação do Estado nessas áreas é praticamente inexistente, a não ser por ações policiais de caráter repressivo. Em função desses fatores, as favelas possuem, então, uma lacuna quanto à questão de uma “entidade” que dê amparo à população. Isso demonstra que o poder público atua de forma insignificante nesses territórios, no que diz respeito à prestação de serviços sociais. Essa realidade é explicada pela implantação de políticas neoliberais, que destinam ao pobre apenas a força policial, pois tem estes como ameaça e perigo à ordem e à “paz” da sociedade.

Em razão da existência desse vácuo nas comunidades, resultante do abandono do Estado, é que o tráfico de drogas se impôs como uma das formas de poder. O estabelecimento desse poder ocorre de duas formas principalmente: a primeira é através do medo gerado pela violência que desses grupos e a segunda é através da prestação de apoio que os marginais oferecem aos moradores, além da possibilidade de ocupação que gere ganhos rápidos. Esse apoio se dá através de repasse de dinheiro para atender as necessidades de sobrevivência dos moradores e também pela produção de eventos na comunidade para o lazer da população - por exemplo, os bailes funks que foram apresentados anteriormente (GUEDES, 2007).

Nas favelas do Rio os grupos de traficantes possuem um imenso poderio bélico, que pode ser comparado ao arsenal usado em guerras entre nações. Estes grupos têm à disposição

desde pistolas até rifles que podem derrubar aeronaves, além de diversos tipos de explosivos. Todo esse armamento é utilizado contra a polícia, traficantes inimigos, chamados de *alemães*, e para impor o medo na população, tanto da favela quanto do “asfalto”.

Esse cenário, onde duas realidades coexistem: a do “morro” e a do “asfalto”, cria a ideia de uma cidade partida, onde de um lado há toda uma infraestrutura urbana feita pelo Estado e do outro há as áreas que foram abandonadas, deixadas de lado pelo governo, terras onde a população pobre, impedida de acesso a terra em outras áreas das cidades por conta da alta especulação imobiliária se instalaram. Enquanto de um “lado” da cidade a população tem acesso ao lazer, cultura, saúde e educação, do outro, as pessoas convivem com a violência, o medo, a insalubridade e muitas das vezes com a miséria.

Foi nesse contexto de abandono e pobreza que o tráfico se instalou nas favelas. O tráfico varejista de drogas, quando implantado em uma comunidade carente exerce domínio sobre estas, onde existe uma constante e intensa luta pela manutenção deste, conseqüente da disputa existente entre grupos de narcotraficantes. Estes grupos, em sua grande maioria, se organizam através das facções criminosas. Na cidade do Rio são conhecidas três organizações ligadas ao narcotráfico, quais sejam: o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e a Amigos dos Amigos (ADA).

A facção conhecida como *Comando Vermelho* foi a primeira a se estruturar na cidade e teve sua origem relacionada à união de presos comuns com presos políticos durante a ditadura militar na prisão de Ilha Grande (AMORIM 1994). Essa organização é a mais conhecida e divulgada na mídia, fato que pode ser atribuído a esta ser a que mais “possui” favelas sobre seu domínio.

## 5. CONCLUSÃO

O gênero funk proibidão é resultado da nacionalização do funk que permitiu que diversos cantores tivessem espaço para mostrar a realidade dura das favelas, realidade a qual existe devido ao abandono do Estado para com essas áreas, permitindo assim o estabelecimento do narcotráfico nas mesmas. Este acontecimento se deu com a falta de policiamento nessas áreas, tornando possível para esses grupos, que têm a sua disposição um vasto e poderoso arsenal bélico, impor seu poder sobre os moradores seja através do medo, da força e, em alguns casos, sanando necessidades básicas da população.

Com o domínio do tráfico nessas áreas e com o Estado direcionando para estas apenas a força policial, o morador passou a enxergar no traficante uma espécie de herói, de protetor, que luta contra a crueldade das ações policiais e que ajuda a população, propiciando à mesma o lazer através dos bailes e festas na comunidade, além de empréstimos e repasses de dinheiro para compra de alimentos e remédios.

Os moradores passaram então a ter uma relação de identificação com esses grupos e de repúdio a qualquer pessoa que possa ameaçar a permanência desses grupos em suas comunidades. É bom enfatizar também, que esses grupos são formados por pessoas que dentro da comunidade têm amigos que cresceram juntos: pai, mãe, irmãos, tios e primos, e possuem familiares nesses locais, fato esse que contribui para o processo de aceitação do poder dessas facções dentro das favelas. Com base nessa identificação do sujeito com o território em que vive é possível chegar à conclusão de que o “*funk*” proibidão é e passa a visão ideológica da favela do ponto de vista do morador.

Portanto, o “*funk*” proibidão, seja o de relato da realidade quanto o da apologia a grupos e facções de narcotraficantes é a expressão da identificação do Mc, que também é morador da comunidade, e que retrata a realidade com a qual ele convive, a aceitação do poder do traficante e a visão desse como um benfeitor da favela, que luta e protege a sua casa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Carlos. **CV-PCC – A irmandade do crime**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ESSINGER, Silvio. **Batidão: Uma história do funk**. Rio de Janeiro: Record, 2005

FACINA, Adriana. **“Não me bate doutor”: funk e criminalização da pobreza**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador – 2009

GUEDES, Maurício da Silva. **“A música que toca é nós que manda ”: um estudo do “proibidão”**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

LOPES, Adriana Carvalho. **“Funk-se quem quiser” no batidão negro da cidade carioca**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2010.

MARTINS, Denis Moreira Monassa. **Direito e cultura popular: o batidão do funk carioca no ordenamento jurídico**. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS, Carla dos Santos. **No ritmo neurótico: cultura funk e performances proibidas em contexto de violência no Rio de Janeiro**. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2006.

MEDEIROS, Janaina. **Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

OLIVEIRA, Lais Clemente. **O processo de consolidação do Complexo da Maré na metrópole carioca**. Monografia (Conclusão do curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.) – Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2011.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

WACQUANT, Loïc J.D. **As duas faces do gueto: construindo um conceito sociológico**. In: \_\_\_\_\_. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008. Tradução de Paulo Cezar Castanheira.

## ANEXO I - Realidade – Mc Menor do Chapa

Minha raiz favelada, nunca negarei mesmo que ande pelo vale da sombra da morte nada temeria.

Andinho Bolado diretamente do morro do Quadro.

Não sei se é digno ou pacificador

Alivia a luta de todo sofredor, um simples favelado

Com grande objetivo passando por menor um fogo de incentivo

Ideologia certa de cristo ou de cante

Minha vida é o trabalho sou fraco fui errante

Bandido do rap eu venho da favela quando será o fim desta triste novela

De fome, miséria, morte medo, tem que ter atitude pra viver aqui no gueto

Criançada sem educação não tem saúde, sem dinheiro e moradia propria

Muita gente se ilude

Os sonhos de consumo é verdadeiro,

Motivo aqui ninguém se importa com instinto coletivo

Realidade triste, desemprego exclusão, em nome do dinheiro irmão mata irmão

O crime ta ai pode ser uma saída, escolha seu caminho tenha amor a sua vida

Aqui é o submundo, frio, louco, sem graça,

Tipo aquele moleque cheirando cola lá na praça

O barraco de madeira não resisti a forte chuva

O bebê chorou a mãe na amargura

Convive com uma injustiça, hipocrisia

Nós somos vitimas desta guerra urbana, sem ideologia

O favelado, calado no barraco, esquecido

Bandido de refém nesse país falido o mundo desigual que não nos da esperança

O que vale mais? Muito dinheiro no bolso ou o sorriso de uma criança

O inimigo sobe o morro fardado, fortemente armado, informatizado

O fim do nosso povo como uma lei mais repressiva

Um te mete a mão eles não dão alternativa

A fita é corrompida, extorquida, suicida, aqui o bagulho é serio pouco vale sua vida

Lembra do menor na madrugada horrendo

Se torno um criminoso, adorado, violento

De frente lá no muro portando uma Ak, já pica pra caralho tipo Pablo Escoba  
Inimigo publico nº1, miséria vira ódio por aqui isso é comum  
Ontem no sinal menor marabalista, hoje procurado bandido terrorista  
Armadilha do sistema pra pegar o nosso povo  
Quem manda de no Brasil verdade, elege presidente  
Denigre minha gente codisia tragédia entre as famílias pobres o nosso sangue é derramado  
para eles é só ibope.  
To tranqüilão não me rendo numa boa, Jesus é a luz que conduz e abençoa  
Muita fé em deus paz, justiça e liberdade  
O sofrimento de um povo na bíblia esta escrito, nossa salvação e Jesus cristo  
A paz é só um sonho no terceiro milênio o reino de Deus um verdadeiro premio  
Criado no Santa Tereza neurótico, frenético, faço apologia ao meu ritmo poético  
Menor revoltado cheio de trauma, luto pela justiça a verdade que nos salva  
Minha raiz favelada nunca negarei mesmo que ande pelo vale da sombra da morte na temerei,  
deus da o livramento os mandamento  
Jesus deixou a prova no novo testamento, mas pra ser vencedor tem que ser merecedor.  
A ignorância do meu povo é a vitória do oprimido, o justo observe do massacre intriga  
Só Deus que nos leva a terra prometida

## **ANEXO II - Conexão Criminosa – Mc Menor do Chapa**

Sem neurose, sem caô, muita fé no coração  
Bonde da providência contenção de rajadão.  
Não adianta tentar, se brotar vai se fuder,  
Conexão criminosa é CV e PCC  
Esse é o papo reto só cria braço nervoso  
Quadrilha de guerrilheiro chapa quente, quartel  
criminoso  
Tenta 3 cú brotou no Turano tomá de vapô  
Mas na vida do crime o menor boladão fumando maconha  
de G3 na mão  
Tenta 3 cu ô cu azul brotou na provi vai tomar de  
vapu,  
Mais na vida do crime o menor boladão fumando maconha  
de G3 na mão  
Sem neurose, sem caô liberdade vermelhó,  
Esse é o bonde mete bala do Morro do Turano.  
Se liga comédia fudida RL é pureza, não fica de bob  
Nóis quebra otário, vacilão, cagüete, safado e verme x9  
Ouça bem o que eu te falo mano, vê se não esquece,  
Bonde da providencia bolado CV RL do 157.  
Tenta 3cú ô cu azul se brotar no turano tomá de vapo  
Mas na vida do crime o menor boladão fumando maconha  
de G3 na mão